

# Fluxos de imigração: resistências e rupturas na comunicação popular/massivo

*Ester Marques<sup>1</sup>*

**Resumo:** Este artigo analisa como os fluxos imigratórios são fenômenos sistemáticos que constituem o tecido da sociedade contemporânea, resultante das redes de circulação do campo midiático que estimula a troca de informações e experiências entre locais, objetos e pessoas de diferentes nacionalidades. Fluxos que modificam o espaço e o tempo e aceleram a constituição das identidades múltiplas.

**Palavras-chave:** Comunicação, Identidade, Imigração

Flows of immigration: resistances and disruptions in popular/mass communication

**Abstract:** This article analyzes how migratory flows are systematic phenomena that constitute the fabric of contemporary society, resulting from the circulation networks of the media field that motivate the exchange of information and experiences between places, objects, and persons of different nationalities. Flows that modify time and space, and accelerate the constitution of multiple identities.

**Key words:** Communication, Identity, Immigration

## 1- Os fluxos imigratórios como movimentos sistemáticos

As correntes imigratórias que determinam atualmente a configuração dos fluxos de informação no mundo são também responsáveis pela construção dos cenários identitários dos grupos sociais que resistem, se conformam ou se defrontam nas fronteiras culturais do mundo contemporâneo na luta entre a dependência e a autonomia, entre o cosmopolitismo globalizado e o fundamentalismo localizado.

Dito isto, gostaria também de salientar que o meu posicionamento a respeito deste tema sugere um novo olhar sobre a questão da dinâmica, ao mesmo tempo, perversa e criativa das correntes imigratórias que são a força e a manutenção das sociedades politicamente complexas. Aqui, o olhar não deve se deter sobre as dicotomias que normalmente reduzem a questão dos fluxos imigratórios a análise rural/urbana; periférica/central; ágrafa/letrada; subalterna/hegemônica.

Aqui, a questão sugere uma análise mais apurada e minuciosa da importância do local, do nacional e do global sobre os fluxos imigratórios, a

---

<sup>1</sup>Profa. Adjunta da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-m: esmarques@oi.com.br

partir das noções de identidade; pertencimento/enraizamento e de desterritorialidade/territorialidade atravessadas na contemporaneidade pela visibilidade e transparência do campo midiático. Daí que esta análise exige uma metodologia multidisciplinar que contemple os vários aspectos que a questão sugere para ser interpretada nas várias culturas em presença, situadas historicamente em contextos plurais.

É preciso, portanto, situar historicamente os fluxos imigratórios como movimentos permanentes, sistemáticos, de continuidade e de manutenção das sociedades multiculturais, cujas bases de sustentação resultam das relações consensuais ou tensionais que as desigualdades/diferenças políticas, econômicas e sociais imprimem ao modo de ser e de entender as culturas, os seus atores e os seus territórios. Estes movimentos garantem a existência das várias culturas em presença, advindas de processos histórico-sociais diversos e portadores de significados construídos ao longo do tempo.

Pensar assim, recoloca a questão das resistências e rupturas como partes de um processo mais complexo que ultrapassa a periferia da discussão ideológica que normalmente pensa a imigração como algo insignificante, negativo, perigoso ou assistencialista que somente leva em consideração o deslocamento dos indivíduos de sua cultura de origem na tentativa de garantir melhores condições de vida e de trabalho em sociedades hospedeiras e em culturas estrangeiras. Em situações mais complexas como na Europa ou na Ásia, o fenômeno dos fluxos imigratórios constitui atualmente um risco para a manutenção dos territórios nacionais desde o momento em que o terrorismo nacionalista ou religioso passou a fazer parte das preocupações dos cidadãos por conta da violência que acompanha o movimento que não possui destinatário ou situação específica para acontecer.

Nesta perspectiva, as resistências e rupturas causadas pelos fluxos imigratórios representam dois movimentos de um mesmo processo: o reconhecimento das identidades sociais dos grupos e os limites culturais que determinam as relações políticas entre os indivíduos. “Duas características essenciais destacam-se desde logo nesta mudança: o centramento individual e auto-reflexivo muito acentuado da identidade moderna, ao mesmo tempo que se consolida também um profundo sentido social – uma formação da identidade que reclama o nível de relacionamento com o Outro e a exigência

de reconhecimento mútuo”( Esteves, 2003, p.74). Dois movimentos que exigem novos modos de comportamentos culturais, isto é, novas relações sociais entre os sujeitos que reconheçam a tolerância, os direitos dos Outros e a participação de cada um no espaço público.

## **2- Cultura e Identidade**

Deste modo, o primeiro momento deste ensaio é a tentativa de compreender que cultura e identidade são termos que coexistem na mesma sociedade, às vezes como sinônimos, às vezes como resultantes de uma relação consensual ou conflitual, já que a mudança cultural nem sempre leva à mudança identitária. Mas, tanto um termo como o outro, exigem para a sua análise teórica a permanência e a continuidade de um conjunto de regras, normas, costumes e comportamentos que legitimam o modo de ser e de estar de um grupo social, assim como expressam a sua natureza sempre relacional num cenário cada vez mais globalizado.

Portanto, quando pensamos as resistências e as rupturas dos fluxos imigratórios diante do fenómeno da globalização ou dos meios massivos de informação, por exemplo, pensamos comumente em indivíduos e grupos sociais que transitam constantemente pelas fronteiras culturais e políticas das sociedades causando sempre, em maior ou menor grau, um desconforto para ambas as fronteiras, cujo efeito mais visível é o que os antropólogos chamam de fricção interétnica. “A pluralização das identidades culturais vem sendo intensificadas atualmente pelo processo de globalização que produz uma variedade de possibilidades e novas posições de identificação, e torna as identidades mais posicionais, mais políticas, mais plurais e diversas; menos fixas, unificadas e trans-históricas”.(Hall, 1998:87)

A fricção interétnica ocorre quando os indivíduos ou grupos sociais, definidos por suas afinidades identitárias, negociam territórios de pertencimento numa mesma localidade, a partir de um processo de conhecimento/reconhecimento<sup>2</sup> mútuo de suas culturas. Acontece que neste

---

<sup>2</sup>Entendemos como Axel Honneth que o reconhecimento é um ato expressivo pelo qual o conhecimento (a identificação do indivíduo) está confirmado pelo sentido positivo de uma afirmação. “Contrariamente ao conhecimento, que é um ato cognitivo não público, o reconhecimento depende de meios de comunicação que exprimem o fato de que outra pessoa é considerada como detentora de um valor social” (Oliveira, 2006, p.31)

jogo de localização – que expressa os horizontes nativos de percepção dos agentes sociais inseridos na situação de contato intercultural-, o que emerge como o resultado mais comum na discussão dos fluxos imigratórios é o que designo como estrangeirismo, isto é, o estranhamento que tanto a cultura anfitriã como a cultura deslocada sentem quando tem que negociar territórios de pertencimento. Nenhum grupo ou indivíduo sai incólume desta crise e, muitas vezes, o que resulta desta luta é uma espécie de identidade deteriorada, ao mesmo tempo, individual e coletiva na acepção dada a este termo por Erving Goffman. Deste modo, a identidade torna-se extremamente fragilizada, que se apresenta cada vez mais como uma realidade instável e fugidia, em resultado de processos sociais vertiginosos de diferenciação, de complexificação e de aceleração da vida coletiva.

O efeito mais comum deste processo é uma permanente readequação de identidades que se constituem ou reconstituem em função das narrativas que emergem tanto no espaço privado destes grupos como no espaço público, através da formação da opinião pública. Se, como pensa Dominique Wolton, a identidade possui dois momentos distintos, o primeiro ou interno como o auto reconhecimento que cada ator deve ter de seus hábitos, costumes e tradições e o segundo como externo quando transporta esses valores para o espaço público, então o reconhecimento dos fluxos imigratórios passa, antes de mais, pelo respeito público, isto é, pela tolerância que cada indivíduo ou grupo deve ter dos grupos e demais indivíduos com os quais se relacionam, independentemente de sexo, raça ou procedência étnica. Mas, passa também pelo respeito de suas formas de ação, práticas e visões peculiares de mundo que os conformam dentro de uma dimensão cultural diferente do local onde estão.

É claro que neste jogo de localizações, a cultura tradicional – enquanto fornecedora de uma visão de mundo mais substancial que a ideologia étnica-, passa a ser um operador importante na confirmação da identidade étnica e, por conseguinte, garante maiores possibilidades de resistência aos fluxos imigratórios. Isto acontece porque a cultura originária tanto reforça noções como nacionalidade quanto singulariza a formação de uma identidade reflexiva em que o Eu escolhe os vários papéis que quer desempenhar no confronto com outras culturas, funcionando como uma instância ordenadora de uma

pluralidade de identidades. Isto porque, enquanto as identidades podem ser experimentadas como uma pluralidade, o Eu é experimentado como uno porque ele é o arcabouço que garante a continuidade sobre o qual a multiplicidade de identidades está inserida.

Este Eu social, este ator reflexivo, não apenas assegura a sua auto-identidade pela consciência que tem de sua história pessoal ou coletiva, mas ainda se reconhece enquanto tal diante dos Outros. E, reconhecer-se, segundo Giddens neste processo, é um ato cognitivo porque no momento em que o Eu reconhece os Outros também se constitui neste reconhecimento, numa permanente relação de alteridade, movimentada por um jogo de aparências diversas, sem lugar para as certezas cartesianas ou verdades absolutas.

### **3 - O local, o global e a glocalização**

É por isso que não se pode falar de globalização da cultura ou mundialização cultural, mas somente de glocalização, isto é, da natureza local das culturas mesmo em situações de visibilidade mundial. Nas sociedades contemporâneas, o local funciona como o ponto constante e sagrado por onde as culturas (folclóricas, populares, massivas, periféricas e urbanas) se revelam/desvelam ao olhar do mundo sem perder as suas especificidades, desde que estas singularidades representem o que de mais permanente possui o grupo num determinado território.

A permanência neste caso é dada pela herança da tradição, isto é, pela capacidade que todo grupo tem de atualizar o seu passado, gestado coletivamente pela experiência sagrada, trazendo-o de volta ao presente como uma reminiscência da memória, onde é transportado para o futuro com novos sentidos para servir de referência mítica de continuidade e de enraizamento às novas gerações. “Na tradição, o passado determina o presente através da partilha de sentimentos e crenças coletivas (...) O que torna qualquer tradição diferente é o fato de ela definir uma espécie de verdade. Para alguém que age de acordo com uma prática tradicional, as perguntas sobre a existência de alternativas não fazem sentido...” (Giddens 49-53, 2005)

Assim, ao contrário do que pensavam os apologistas da globalização, não é o que é global que se torna local pela visibilidade indiscriminada das culturas, mas é o local que quanto mais específico for mais pode se tornar global/universal porque parte de uma narrativa ao mesmo tempo semelhante e diferente das outras narrativas que circulam nas sociedades e, sobretudo, no campo midiático. Em outras palavras, o que a globalização visibiliza e dessacraliza das culturas locais são pequenos recortes que são deslocados dos seus contextos originários pela mídia para serem folclorizados como produtos de exportação ou estratégias de marketing, já que o núcleo principal ou o fundo arcaico da cultura local permanece sagrado porque só é perceptível em sua totalidade pelos nativos ou os atores que a compõem. O que a globalização midiática consegue quando expõe as narrativas dos grupos imigrantes é uma narrativa de segundo grau fragmentada e superficial, na mesma indicação dada a este termo por Clifford Geertz, ao ressaltar que as narrativas de primeiro grau são pertencentes apenas aos grupos nativos.

É claro que tudo isto depende, como referenciei antes, da natureza identitária das culturas locais e, de como estas culturas manejam as suas narrativas no espaço público. Assim, quanto mais consciente da sua especificidade cultural for um grupo mais condições terá de controlar a sua visibilidade na mídia e os seus deslocamentos nos vários contextos culturais, caracterizando uma política identitária constante de resistência e de permanência. Isto sugere que a mídia, como a principal instituição mediadora da realidade cotidiana emerge como um ator social dentre outros que necessita, para se manter fiel a sua natureza vicária como bem denomina Adriano Duarte Rodrigues, de um processo de legitimidade pública que é dada pelo seu enraizamento local, ou seja, precisa de uma gramática cultural ou, melhor, de um background cultural para se situar dentro do Campo midiático.

A assunção do campo midiático como fenômeno central e irreversível nas sociedades ocidentais, simultaneamente difusor e produtor de culturas e gerador de transformações imprevisíveis, resulta de um processo assimétrico entre a produção e a recepção das mensagens, mas principalmente de uma audiência ativa, capaz de manter um diálogo direto e diferenciado na formação da opinião pública. Isso desmitifica a idéia de que o campo midiático controla tudo e a todos de uma maneira absoluta e sem qualquer negociação. Pelo

contrário, o campo midiático e, mais especificamente os meios massivos de informação, estabelecem relações diferenciadas com os grupos sociais e os indivíduos conforme as narrativas que são propostas por estes grupos, depois modificadas pelo que chamamos comumente de discurso jornalístico que ora privilegia as resistências culturais, ora promovem rupturas no interior destes mesmos grupos.

É importante observar que as resistências e as rupturas podem ocorrer em ambas as partes, como resultado da relação de aproximação e distanciamento que é parte constante neste diálogo entre os fluxos imigratórios e a mídia, dependendo das estratégias de afirmação ou de visibilidade/invisibilidade dos grupos sociais na formação das narrativas públicas. A ênfase é dada ao papel ativo dos indivíduos perante as narrativas visualizadas ao condicionar a recepção não só aos seus interesses particulares, mas também às suas histórias e expectativas coletivas.

Daí que estas narrativas funcionam como etapas de um processo de negociação constante que os grupos imigratórios mantêm na sua luta por uma fidelidade identitária, sem deixar de reconhecer as particularidades dos outros grupos com os quais convive numa dada cultura por injunções de ordem ética, política e estética. “Deste modo, a identidade afirma-se primeiro como um processo de diferenciação interna e externa, isto é, de identificação do que é igual e do que é diferente, e em seguida como um processo de integração ou organização das forças diferenciais, que distribui os diversos valores e privilegia um tipo de acento”. (Sodré 2000, p.45)

A cada um desses modos de abordagem ou de relacionamento com a realidade cotidiana, caracterizados como um conjunto de mediações simbólicas (língua, leis, regras, mitos, ideologias, valores, padrões de conduta etc.) os grupos promovem a inclusão ou a exclusão do Outro, num limite que é a diferença irrecusável dada pela cultura. O efeito mais comum desta tensão é o que Abraham Moles chama de cultura-mosaico, essencialmente aleatória, como uma reunião de fragmentos dada pelos fluxos contínuos e não hierarquizados de conhecimentos, mas que mantém uma constante coesão como força operante do campo social, permitindo uma ação sobre a sociedade, tendo a mídia como instrumento de ligação essencial entre os indivíduos e o ambiente.

#### **4- Conclusões...**

Podemos então dizer que os fluxos imigratórios são movimentos que constituem identidades ficcionais que ilusionam o cotidiano como realidades essenciais, consoante os jogos de poder e de contra poder resultante da consciência histórica e políticas destes grupos. Isto porque, as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres dos jogos de poder, de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas. Neste caso, a sobrevivência dos grupos depende sobremaneira das formas de negociação e de tradução que cada grupo propõe em relação a outro, sem serem assimilados por elas e sem perder completamente suas identidades, mas evitando a proliferação exarcebada de gêneros impuros ou de contaminações que coloquem as nações em guerra ou em situação similar.

Deste processo resultam identidades que alimentam e realimentam cotidianamente os fluxos imigratórios sociais, religiosos, étnicos, políticos ou culturais criando constantemente uma dinâmica de existência/sobrevivência/resistência dos grupos que mantêm o ritmo das sociedades contemporâneas cada vez mais abertas a novas configurações e relocalizações das suas opiniões no espaço público. Isto porque, a identidade obtida pela cultura permite a idealização das relações sociais que fomentam a cidadania; garante a diversidade cultural e a convivência harmoniosa dos grupos num determinado tempo e espaço.

#### **5-Bibliografia**

BARBERO, Jesus Martin. Globalização comunicacional e transformação cultural. In: *Corporações, mídia e poder global*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

BRANT, Leonardo. *Diversidade Cultural, globalização e culturas locais: dimensões, efeitos e perspectivas*. São Paulo: Instituto Pensarte, 2005.

ESTEVES, João Pissarra. *Espaço Público e Democracia*. Lisboa: edições Colibri, 2003.

FERIN, Isabel. *Comunicação e Culturas do Cotidiano*. Porto: Ed. Quimera, 2002.

FORD, Aníbal. O contexto do público: transformações comunicacionais e socioculturais. In: *Corporações, mídia e poder global*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2003.

GARCIA CANCLINI, Nestor. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução Heloiza Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, USP. 1997.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Caminhos da Identidade: ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo. Unesp; Brasília: Paralelo 15. 2006.

SODRÉ, Muniz. *Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2000.

JOHSON, Richard. *O que é afinal, Estudos Culturais?*